



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE (CCBS)
ESCOLA DE ENFERMAGEM ALFREDO PINTO (EEAP)

Discente: Larissa Barbosa Nascimento

Orientador(a): Thereza Cristina dos Santos Figueira Cardoso

Coorientador(a): Beatriz Lourenço Fernandes

Trabalho final da disciplina de Seminário de Pesquisa II, apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Título: Uma análise sobre a Violência de Gênero vivenciada por mulheres estudantes de graduação: revisão integrativa

RIO DE JANEIRO

2023

Artigo Original

Uma análise sobre a Violência de Gênero vivenciada por mulheres estudantes de graduação: revisão integrativa

An analysis of Gender Violence experienced by female undergraduate students: integrative review

Un análisis de la Violencia de Género vivida por estudiantes de pregrado: revisión integradora

Larissa Barbosa Nascimento¹

Thereza Cristina dos Santos Figueira Cardoso²

Beatriz Lourenço Fernandes³

¹Discente (Graduação em Enfermagem)/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: larissabarbn@edu.unirio.br. ORCID:

²Docente do Curso de Enfermagem (Mestre em Enfermagem UNIRIO) / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: therezacardoso@yahoo.com.br. ORCID

³ Enfermeira Mestranda em Enfermagem / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro - RJ, Brasil. E-mail: beatriz.l.fernandes@edu.unirio.br . ORCID

Contato para correspondência: Larissa Barbosa Nascimento / Discente (Graduação em Enfermagem UNIRIO) / Praça Almirante Belfort Vieira, n5 - Leblon - Rio de Janeiro/RJ - Brasil/ (021) 99446-5333 / E-mail: larissabarbn@edu.unirio.br

Resumo:

Introdução: Reconhecer a violência de gênero como uma questão fundamental é crucial para promover mudanças estruturais e sociais necessárias para prevenir e combater essa forma de violência. No contexto universitário, tem havido um aumento significativo na criação de mecanismos de proteção para mulheres universitárias, no entanto os números continuam alarmantes. Fornecendo informações e insights sobre a violência de gênero contra as estudantes de graduação no âmbito universitário, o presente estudo visa contribuir com a literatura. Objetivo: identificar os tipos e formas de violência de gênero vivenciadas por mulheres estudantes de graduação nas universidades à luz das evidências científicas. Metodologia: Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, com abordagem descritiva qualitativa. Resultado: 4 dos artigos citam violência sexual, assédio sexual e invisibilidade, 2 dos estudos abordam sobre objetificação sexual, violência acadêmica, violência física, racismo, importunação sexual e violência epistêmica nas instituições, e por fim, a violência psicológica, exclusão, racismo institucional, intimidação, misoginia, suposta incompetência e sexismo aparecem como resultados uma única vez entre os artigos encontrados para a construção da revisão. Discussão: Os resultados encontrados nesta revisão demonstram que a população feminina está sujeita a diversos tipos e formas de violência durante o período em que estão matriculadas nas instituições. Um ponto singular entre os estudos é a cultura sexista e misógina presente nas sociedades e na universidade que resultam na violência. Conclusão: Apesar dos avanços teóricos e políticos, algumas expressões e contextos carecem de maior reflexão, como é o caso da violência contra as mulheres no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Universidades; Saúde da Mulher; Violência de Gênero; Violência Contra Mulher; Estudantes

Summary:

Introduction: Recognizing gender-based violence as a fundamental issue is crucial to promoting structural and social changes necessary to prevent and combat this form of violence. In the university context, there has been a significant increase in the creation of protection mechanisms for university women, however the numbers remain alarming. By providing information and insights into gender-based violence against undergraduate students at the university level, this study aims to contribute to the literature. **Objective:** to identify the types and forms of gender-based violence experienced by female undergraduate students at universities in light of scientific evidence. **Methodology:** This is an integrative literature review study, with a qualitative descriptive approach. **Result:** 4 of the articles cite sexual violence, sexual harassment and invisibility, 2 of the studies address sexual objectification, academic violence, physical violence, racism, sexual harassment and epistemic violence in institutions, and finally, psychological violence, exclusion, institutional racism, intimidation, misogyny, supposed incompetence and sexism appear as results only once among the articles found to construct the review. **Discussion:** The results found in this review demonstrate that the female population is subject to different types and forms of violence during the period in which they are enrolled in institutions. A singular point among the studies is the sexist and misogynistic culture present in societies and universities that result in violence. **Conclusion:** Despite theoretical and political advances, some expressions and contexts require greater reflection, as is the case of violence against women in the academic space.

Keywords: Universities; Women's Health; Gender Violence; Violence against women; Students

Resumen:

Introducción: Reconocer la violencia de género como una cuestión fundamental es crucial para promover los cambios estructurales y sociales necesarios para prevenir y combatir esta forma de violencia. En el contexto universitario, ha habido un aumento significativo en la creación de mecanismos de protección para las mujeres universitarias, sin embargo las cifras siguen siendo alarmantes. Al proporcionar información y conocimientos sobre la violencia de género contra estudiantes universitarios a nivel universitario, este estudio pretende contribuir a la literatura. Objetivo: identificar los tipos y formas de violencia de género que viven las estudiantes de pregrado en las universidades a la luz de la evidencia científica. Metodología: Se trata de un estudio de revisión integradora de la literatura, con enfoque descriptivo cualitativo. Resultado: 4 de los artículos citan violencia sexual, acoso sexual e invisibilidad, 2 de los estudios abordan la cosificación sexual, la violencia académica, la violencia física, el racismo, el acoso sexual y la violencia epistémica en las instituciones, y finalmente, la violencia psicológica, la exclusión, el racismo institucional. La intimidación, la misoginia, la supuesta incompetencia y el sexismo aparecen como resultados sólo una vez entre los artículos encontrados para construir la revisión. Discusión: Los resultados encontrados en esta revisión demuestran que la población femenina es sometida a diferentes tipos y formas de violencia durante el período en que se encuentra matriculada en las instituciones. Un punto singular entre los estudios es la cultura sexista y misógina presente en sociedades y universidades que resulta en violencia. Conclusión: A pesar de los avances teóricos y políticos, algunas expresiones y contextos requieren una mayor reflexión, como es el caso de la violencia contra las mujeres en el espacio académico.

Palabras clave: Universidades; La salud de la mujer; Violencia de género; La violencia contra las mujeres; Estudiantes.

Introdução:

A violência, refere-se a qualquer ação que envolva “o uso intencional da força ou poder como uma forma de ameaça ou efetivamente aplicada contra si mesmo, outra pessoa, grupo ou comunidade”. Essas ações têm o potencial de causar lesões, morte, danos psicológicos, efeitos negativos no desenvolvimento ou privações [1].

A violência contra as mulheres é um sério problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos [2]. Segundo o Atlas da Violência, em 2018, ocorreram 4.519 homicídios de mulheres no Brasil, o que significa que, em média, uma mulher foi assassinada a cada 2 horas. Além disso, estima-se que 80% das vítimas de estupro sejam mulheres, destacando a gravidade dessa violência sexual [3].

Na década de 1990, surgiu um debate mais amplo sobre a violência de gênero, reconhecendo que a violência contra a mulher não é apenas um problema individual ou familiar, mas sim um fenômeno social que está enraizado em desigualdades de poder e nas normas culturais que perpetuam a opressão das mulheres[4].

O termo "violência de gênero" foi utilizado para enfatizar que essa violência é baseada na discriminação e no desequilíbrio de poder entre homens e mulheres, afetando desproporcionalmente as mulheres devido às estruturas patriarcais presentes em muitas sociedades [4].

A definição da Nações Unidas destaca que a violência de gênero pode se manifestar de várias formas, incluindo agressões físicas, abusos psicológicos e sexuais. Reconhecer a violência de gênero como uma questão fundamental é crucial para promover mudanças estruturais e sociais necessárias para prevenir e combater essa forma de violência. Isso envolve não apenas abordar os casos individuais de violência, mas também desafiar as normas de gênero prejudiciais e trabalhar em direção a uma sociedade mais igualitária e livre de violência para todas as mulheres [5].

Com base nesse entendimento, foram implementadas leis, criadas delegacias especializadas, estabelecidos Centros Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM) e realizados pesquisas para compreender a complexidade desse assunto. Essas ações visam enfrentar e combater a violência contra as mulheres em todos os espaços em que ocorre, reconhecendo que ela não se limita apenas à esfera privada. A criação de leis específicas, como a Lei Maria da Penha no Brasil, fortaleceu a proteção das mulheres e estabeleceu mecanismos legais para prevenir, punir e erradicar a violência [4].

No entanto, é importante destacar que a luta contra a violência de gênero ainda é um desafio contínuo. É necessário o envolvimento de toda a sociedade, a promoção de uma educação não sexista, a desconstrução de estereótipos de gênero e o fortalecimento dos mecanismos de prevenção e proteção para garantir uma sociedade livre de violência e igualitária para todas as mulheres.

No contexto universitário, tem havido um aumento significativo na criação de mecanismos de proteção para mulheres universitárias, no entanto os números continuam alarmantes. Segundo levantamento feito nas universidades públicas do estado do Amazonas, em 2020, 38,79% afirmaram sofrer violência nos últimos cinco anos dentro da instituição. Desse achado, 73% eram mulheres e 40% eram estudantes. Sendo importante reconhecer que a violência que ocorre dentro das universidades não se limita apenas às mulheres, pois homens também podem ser vítimas dessa violência. A sala de aula é o local mais violento para esse grupo, 18,23% das mulheres destacam alguma ocorrência no local [6]. Nesse sentido, os mecanismos de proteção visam abordar e prevenir a violência de gênero, que pode ocorrer de diferentes formas: homens contra mulheres, mulheres contra homens, entre mulheres e entre homens.

Ao abordar a violência de gênero, é essencial reconhecer e afirmar as identidades de gênero, valorizando a diversidade e promovendo um ambiente seguro e inclusivo para todos

os estudantes universitários. Os mecanismos de proteção devem ser projetados de forma a abranger todas as formas de violência de gênero, levando em consideração as experiências e necessidades específicas de cada grupo. Isso significa que as políticas e programas de proteção devem incluir medidas educativas, campanhas de conscientização, treinamento para o corpo docente e funcionários, protocolos de denúncia e resposta, além de serviços de apoio e assistência às vítimas. É fundamental trabalhar para eliminar a cultura de violência e promover uma cultura de respeito, consentimento e igualdade de gênero dentro das universidades.

Criando mecanismos de proteção abrangentes e inclusivos, as universidades podem desempenhar um papel importante na prevenção e no combate à violência de gênero em seu ambiente, garantindo que todos os estudantes tenham igualdade de acesso, segurança e oportunidades para alcançar seu pleno potencial acadêmico e pessoal.

Fornecendo informações e insights sobre a violência de gênero contra as estudantes de graduação no âmbito universitário, o presente estudo visa contribuir com a literatura. Ao identificá-las, será possível desenvolver estratégias mais eficazes de prevenção, suporte e intervenção para proteger as graduandas contra a violência.

Portanto, diante do cenário delineado da violência de gênero contra as mulheres em diferentes instâncias, incluído nas universidades, e somada a oportunidade de ingressar em um projeto de extensão, em 2021, cujo tema é trabalho, surgiu a motivação para ampliar os conhecimentos sobre esse assunto, sensível e importante para o processo de formação profissional e pessoal.

Apresentando como objeto os tipos e formas de violência de gênero vivenciadas por mulheres estudantes de graduação nas universidades à luz das evidências científicas e a seguinte questão norteadora: Quais os tipos e formas de violência de gênero vivenciadas por mulheres estudantes de graduação nas universidades à luz das evidências científicas? O

objetivo geral do estudo é identificar os tipos e formas de violência de gênero vivenciadas por mulheres estudantes de graduação nas universidades à luz das evidências científicas.

Metodologia:

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, com abordagem descritiva qualitativa, composta por seis etapas: estabelecimento da hipótese ou questão (etapa 1), amostragem ou busca na literatura (etapa 2), categorização dos estudos (etapa 3), avaliação dos estudos incluídos na revisão (etapa 4), interpretação dos resultados (etapa 5) e síntese do conhecimento ou apresentação da revisão (etapa 6) [7]. Esse tipo de estudo reúne trabalhos já publicados sobre determinado tema, alcançando, com eles, desfechos que vão contribuir com a prática baseada em evidências.

A pergunta norteadora do estudo seguiu a estratégia PICo (População, Fenômeno de Interesse, Contexto), em que se estabeleceu:

P (População de estudo)	I (Fenômeno de Interesse)	Co (Contexto)
Mulheres estudantes de graduação	Tipos e formas de violência de gênero	Nas universidades à luz das evidências científicas

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Pergunta norteadora: Quais os tipos e formas de violência de gênero vivenciadas por mulheres estudantes de graduação nas universidades à luz das evidências científicas?

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

O levantamento foi realizado pela Internet, durante o mês de julho de 2023, através das seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual de saúde (BVS) através da Base de Dados de Enfermagem (BDENF), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências de Saúde (LILACS) e U.S. National Library of Medicine (PUBMED). Os idiomas escolhidos para a utilização da busca foram: Inglês, espanhol e português. Foram selecionados os MeSH Terms (Medical Subject Heading) para a busca no PubMed: “Universities”, “Women's Health”, “Gender-Based Violence”, “Violence Against Women” e “Students”. Na BVS utilizou-se os seguintes Descritores em Ciência da Saúde (DECS): “Universidades”, “Saúde da Mulher”, “Violência de Gênero”, “Violência Contra a Mulher” e “Estudantes”. Empregando o operador booleano AND.

Descritores / palavra termo em português	Descritores em inglês (Mesh)
Universidades	Universities
Saúde da Mulher	Women's Health
Violência de Gênero	Gender-Based Violence
Violência contra a Mulher	Violence Against Women
Estudantes	Students

Fonte: elaborado pelos autores (2023).

O recorte temporal foi do ano de 2018 a 2023. Para organização da busca foi estabelecido os seguintes critérios de inclusão de acordo com o escopo da pesquisa: artigos disponíveis eletronicamente na íntegra no idioma português, espanhol e inglês, obedecendo

ao recorte temporal e respondendo à pergunta norteadora, além de apresentar mulheres estudantes de graduação na população de estudo. Sendo excluídos os artigos de revisão de literatura, documentos do tipo tese, dissertação, monografia e relato de experiência.

Inicialmente, foram encontrados 4.179 artigos nas bases de dados utilizadas. Após aplicação dos filtros e critérios de inclusão e exclusão, restaram 2.070. Em seguida com a leitura dos títulos e resumos, 2.018 foram excluídos, restando 52 para a leitura do texto completo. Depois da leitura do texto completo e análise criteriosa dos estudos, 9 foram selecionados para compor a amostra desta revisão. Na figura 1, está detalhado o processo de busca dos artigos e seleção.

Resultado:

Na tabela 1, estão descritos os 9 estudos incluídos na revisão, bem como as informações extraídas. Com base no recorte temporal nos anos de 2018 a 2023, observa-se o seguinte panorama: 3 publicações norte americanas, 3 publicações sul-americanas, 2 publicações africanas e 1 publicação asiática. No que se refere à abordagem metodológica, os artigos apresentaram aproximadamente 66,7% de pesquisas qualitativas e 33,3% quantitativas.

Do total de textos selecionados, o ano de 2021 foi o ano encontrado com o maior número de publicações (4 artigos publicados). No entanto, o ano de 2020 e 2023 não apresentou publicações referentes ao tema.

No que compete ao público de estudo, apenas 1 artigo aborda sobre estudantes e profissionais universitários do sexo feminino, 1 estudantes universitários de minorias étnicas (asiáticos/asiáticos-americanos, hispânicos/latinos, negros/afro-americanos, havaianos/ilhas do Pacífico nativos americanos/nativos do Alasca), 1 estudantes universitárias negras brasileiras, 2 estudantes e profissionais universitários de ambos os sexos, 2 estudantes

universitários de ambos os sexos e 2 estudantes universitárias mulheres. Alguns estudos tiveram como participantes estudantes de variados cursos, e outros, apenas estudantes de cursos específicos.

Em relação aos tipos e formas de Violência de Gênero nas universidades, apresenta-se o seguinte cenário: 4 dos artigos citam violência sexual, assédio sexual e invisibilidade, 2 dos estudos abordam sobre objetificação sexual, violência acadêmica, violência física, racismo, importunação sexual e violência epistêmica nas instituições, e por fim, a violência psicológica, exclusão, racismo institucional, intimidação, misoginia, suposta incompetência e sexismo aparecem como resultados uma única vez entre os artigos encontrados para a construção da revisão.

Discussão:

Os resultados encontrados nesta revisão demonstram que a população feminina está sujeita a diversos tipos e formas de violência durante o período em que estão matriculadas nas instituições de Ensino Superior.

Um ponto singular entre os estudos é a cultura sexista e misógina presente nas sociedades e na universidade que resultam na violência contra a mulher [8,9]. A misoginia é “uma palavra, ação ou comportamento que envolve desconfiança, desprezo ou ódio pela mulher ou por qualquer outra questão relacionada ao feminino” [4]. Enraizada na sociedade, ela é considerada a violência mais difícil de ser combatida.

Arelado está a objetificação sexual dos corpos femininos, denominada como micro agressão [10], que as colocam em uma posição de inferioridade dentro das instituições de ensino. Tanto no Chile quanto nos Estados Unidos há relatos dessa forma de violência nas universidades [9,10].

A violência sexual é apontada como uma das formas de violência presentes no ambiente acadêmico em três universidades da América (Peru, Chile, e Estados Unidos) e em uma universidade africana (Etiópia). Conforme dados de uma pesquisa realizada em uma instituição particular de Ensino Superior peruana em 2018, as mulheres estão mais propensas a sofrer violência de cunho sexual [11].

Um ponto de destaque é que as mulheres de minorias étnicas estão mais suscetíveis a sofrer violência sexual que os homens de minorias étnicas. De 147 mulheres, 10,2% relataram sofrer penetração vaginal sem consentimento [12]. No tocante ao principal abusador, estão os homens estudantes de outras etnias.

Na Etiópia, a prevalência foi de 39,2% de qualquer forma de violência de cunho sexual. Apresentando 72 denúncias de tentativas de estupros e 55 de estupros completos em 2022. Esses dados alarmantes podem ser relacionados com a forte cultura machista e patriarcal presente no país. Haja visto, que são citadas como causas para a ocorrência da violência de gênero o estilo de vestir das mulheres e a dominância masculina sobre elas [13].

Apenas um estudo feito no continente africano e um na América do Norte relata casos de carícias e toques indesejáveis contra a população feminina nas universidades [12,13]. No entanto, eles não as classificam como importunação sexual apesar de serem. O que significa um leve grau de desconhecimento das nomenclaturas de tipos e formas de violência existentes contra as mulheres em alguns locais.

O assédio sexual considerado uma das vertentes da violência sexual é mencionado em 2 estudos realizados na Etiópia, o que reforça a relação da violência contra mulher com a cultura existente no país. No entanto, ele está presente em outros continentes. Sendo os principais assediadores os docentes, que tendem a visualizar as graduandas como objeto sexual e não como de fato estudantes. Ademais é citada a naturalização de falas e

pensamentos oriunda da cultura, como causa para esses casos de assédio no âmbito acadêmico [14; 15].

Em consonância com os episódios de assédio, importunação e violência sexual , há relatos de casos de docentes que ofertam as estudantes melhorias de suas notas em troca de sexo [16]. Sendo esses atos naturalizados por parte da comunidade acadêmica [10].

Um ponto similar a essas ocorrências de violência de cunho sexual é a invisibilidade e inferioridade da população feminina diante dos colegas de classe, docentes e instituição. Culminando na dificuldade que as vítimas encontram ao denunciar e na resolução dos casos denunciados [15]. Valendo ressaltar, também, que a ocorrência de violência sexual no campus universitários estão correlacionados com episódios de intimidação que resultam algumas vezes em violência física [16].

No que tange a violência física nas universidades, os tapas, os atos de atirar objetos, episódios de espancamentos, empurrões, chutes, ameaças com arma de fogo e atear fogo contra o outro de propósito são mencionados como exemplos [15]. Observa-se, também, que os estudantes de medicina estão mais propensos a sofrer violência física durante o internato, haja visto, que lidam com pessoas instáveis tanto de forma física quanto emocional [11].

Destaque-se dentre os tipos de violência contra a mulher nas universidades a ausência parcial ou total de teóricos do sexo feminino na grade curricular, chamada de violência epistêmica. Além disso, as graduandas vivenciam dentro das instituições a violência psicológica e a sensação de suposta incompetência [8,9,10,11].

Por fim, outro ponto de destaque é que as mulheres negras se apresentam mais vulneráveis a violência de gênero nas instituições de Ensino Superior quando comparado com as mulheres brancas. Dois estudos utilizados para construção da revisão, mostram que este grupo é submetido ao racismo ao ingressar nas instituições de ensino. Muitas das estudantes

negras relatam sensação de exclusão e invisibilidade nos campus [8,12], culminando no abandono do curso.

Conclusão:

Dentre os achados, a violência de cunho sexual é a mais presente nas instituições de Ensino Superior comparada às demais. Sendo frequente casos de assédio, estupro e importunação sexual. Este cenário é resultado de relações sociais sustentadas pelas desigualdades de classe, gênero e étnico-raciais presentes em todo o mundo.

No entanto, a violência contra as mulheres no espaço acadêmico ainda carece de maior reflexão, visto que, apesar dos avanços teóricos e políticos ainda há poucos estudos relacionados a temática.

Portanto, os resultados deste estudo podem contribuir para a conscientização e sensibilização da comunidade acadêmica, promovendo a criação de políticas e programas de apoio específicos para combater essa forma de violência. Além disso, pode estimular a realização de pesquisas futuras e enriquecer o conhecimento científico no campo da violência de gênero entre estudantes, beneficiando assim a sociedade como um todo.

Referências bibliográficas:

1. Organização Mundial da Saúde (OMS). Relatório Mundial de Violência e Saúde. Geneva: OMS, 2002. Acesso em: 26 abr. 2022
2. Garcia-Moreno, C., Watts.. La violence envers les femmes: une urgence de santé publique. Bulletin de l'Organisation Mondiale de la Santé, 89 (2011).
3. Cirqueira, D. Atlas de Violência. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada- IPEA. Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia – DIEST. Atlas 2022: Infográfico - violência contra a mulher. Brasil, 2022. Disponível em:

<<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9144-dashboardviolenciamulherfinal-1.pdf>> Acesso em: 1 jan 2023.

4. Almeida, D. N., Perlin, G. D. B., Vogel, L. H., Watanabe, A. N. (org). Violência contra a mulher [recurso eletrônico]. Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2020. – (Série lei fácil ; n. 1). Disponível em: file:///C:/Users/laris/Downloads/viol%C3%Aancia_contra_mulher_Almeida.pdf. Acesso em: 6 mai 2023.
5. Divinskaya, A. ONU Mulheres no Brasil. UNA-SE pelo fim da violência contra as mulheres 2020: colocar em destaque as causas e consequências da violência contra mulheres e meninas em sua diversidade no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/una-se-pelo-fim-da-violencia-contra-as-mulheres-2020-colocar-em-destaque-as-causas-e-consequencias-da-violencia-contra-mulheres-e-meninas-em-sua-diversidade-no-brasil/> acesso em: 10 out 2023.
6. Barroso, M. F., Lima, R. R. Universidade sem violência: um direito das mulheres. Manuas, EDUA. São Paulo: Alexa Cultural, 2021. Disponível em: < https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2021/04/VCM_Cartilha.pdf > Acesso em: 1 mai 2023.
7. Mendes, K. D. S.; Silveira, R. C. C. P.; Galvão, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 758-64. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?format=pdf&lang=pt> >. Acesso em: 10 maio 2023.
8. Oliveira, F., Nunes, T., Antloga, C. Dinâmica de prazer e sofrimento de estudantes negras de faculdades de Brasília – Epistemicídio, racismo e machismo. Rev. Psicologia v. 28 n. 1 (2019). Brasília/ DF, Brasil, 2019.
9. Mag. Consuelo Dinamarca-Noack, Ph.D. Macarena Trujillo-Cristoffanini. Educación superior chilena y violencia de género: demandas desde los feminismos universitarios.

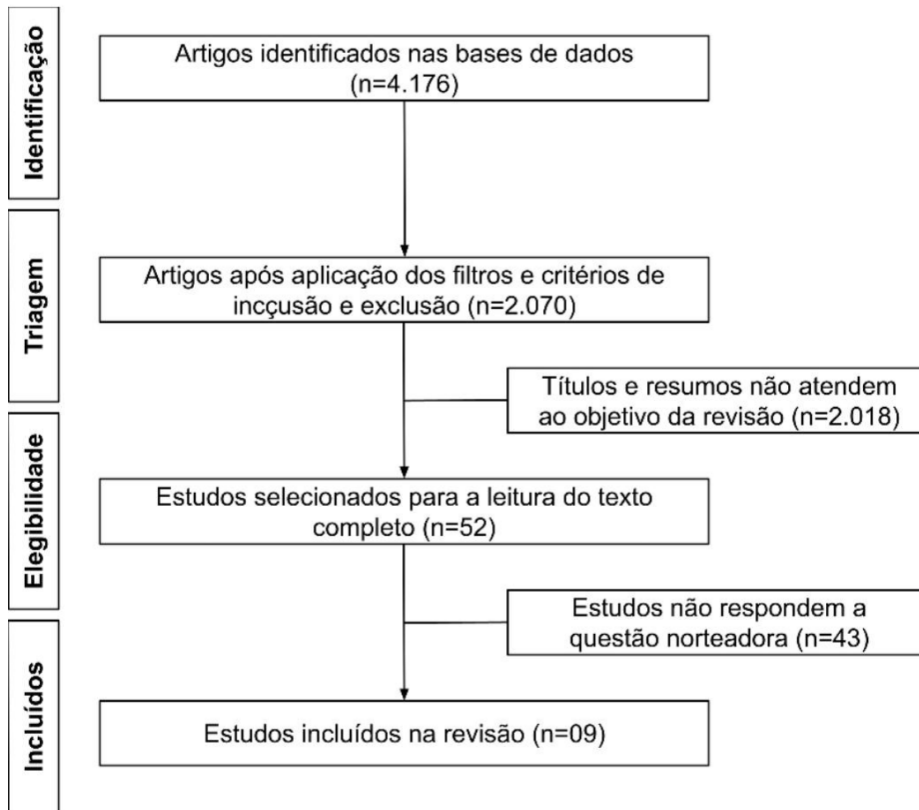
Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud - vol 19, n 2, may. - ago. 2021. Chile, 2021.

10. Gartner, R. E. A New Gender Microaggressions Taxonomy for Undergraduate Women on College Campuses: A Qualitative Examination .*Violence Against Women* . 2021 Nov;27(14):2768-2790. Estados Unidos, 2021.
11. Mejia, C. R., Quiñones-Laveriano, I D. M., Chacón, II J. I., Aguirre-Valenzuela, III E.A., Heredia-Torres, IV P. L., Miñan-Tapia, II A. Factores socioeducativos asociados a la percepción de maltrato en estudiantes de medicina peruanos. *Educación Médica Superior*. 2018; 32(1):74-84. Peru, 2018
12. Gómez, J. M. Gender, Campus Sexual Violence, Cultural Betrayal, Institutional Betrayal, and Institutional Support in U.S. Ethnic Minority College Students: A Descriptive Study. *Violence Against Women*. 2022 Jan; 28(1): 93–106. Estados Unidos, 2022.
13. Gebrie, S., Wasihun, Y., Abegaz, Z., Kebede, N. Gender-based violence and associated factors among private college female students in Dessie City, Ethiopia: mixed method study. *BMC Women's Health* (2022) 22:513. Etiópia, 2022.
14. Bergenfeld, I., Cislighi, B., Yount, K. M., Essaid, A. A., Sajdi, J., Taleb, R. A., Morrow, G. L., D'Souza, J.S., Spencer, R. A., Clark, C. J. Diagnosing Norms Surrounding Sexual Harassment at a Jordanian University. *Frontiers in Sociology /Vol 6 / July 2021 / Artigo 667220*. Jordânia, 2021.
15. Hernández-Rosete, D., Gómez-Palacios, J. C. Ser mujer y estudiar leyes: aproximaciones antropológicas al acoso y su resistencia en una universidad pública de la Ciudad de México, México. *Cad. Saúde Pública* 2021; 37(2):e00024620. México, 2021.
16. Kaufman, M. R., Williams, A. M., Grilo, G., Marea, C. X. , Fentaye, F. W., Gebretsadik, L. A., Yedenekal, S. A. “We are responsible for the violence, and prevention is up to us”: a qualitative study of perceived risk factors for gender-based

violence among Ethiopian university students. BMC Women's Health (2019) 19:131.
Etiópia, 2019.

Anexos:

Figura 1. Fluxograma da estratégia de busca e seleção dos estudos de acordo com prisma/2023.



Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Tabela 1. Caracterização dos artigos incluídos para compor a amostra da revisão. Rio de Janeiro – Rj, Brasil, 2023.

Ano	Título	País	Abordagem metodológica	Violência de Gênero nas universidades apresentadas no estudo:
2018	Factores socioeducativos asociados a la percepción de maltrato en estudiantes de medicina peruanos.	Peru	Quantitativa	Violência psicológica, acadêmica, física e sexual. Sendo as mulheres mais propensas a violência sexual.
2019	Dinâmica de prazer e sofrimento de estudantes negras de faculdades de Brasília – Epistemicídio, racismo e machismo.	Brasil	Qualitativa	Invisibilidade, exclusão, racismo, racismo institucional, violência epistêmica e sexismo.
2019	“We are responsible for the violence, and prevention is up to us”: a qualitative study of perceived risk factors for gender-based violence among Ethiopian university students.	Etiópia	Qualitativa	Assédio, intimidação e sexo trocado por notas.

2021	Educación superior chilena y violencia de género: demandas desde los feminismos universitarios	Chile	Qualitativa	Objetificação sexual , invisibilidade, misoginia, violência sexual e violência epistêmica.
2021	A New Gender Microaggressions Taxonomy for Undergraduate Women on College Campuses: A Qualitative Examination	Estados Unidos	Qualitativa	Invisibilidade, objetificação sexual, racismo e suposta incompetência
2021	Diagnosing Norms Surrounding Sexual Harassment at a Jordanian University.	Jordânia	Qualitativa	Assédio sexual
2021	Ser mujer y estudiar leyes: aproximaciones antropológicas al acoso y su resistencia en una universidad pública de la Ciudad de México, México.	México	Qualitativa	Violência acadêmica, invisibilidade e assédio sexual.

2022	Gender, Campus Sexual Violence, Cultural Betrayal, Institutional Betrayal, and Institutional Support in U.S. Ethnic Minority College Students: A Descriptive Study.	Estados Unidos	Quantitativa	Violência sexual e importunação sexual.
2022	Gender-based violence and associated factors among private college female students in Dessie City, Ethiopia: mixed method study.	Etiópia	Quantitativa	Violência física, assédio sexual, importunação sexual e violência sexual

Fonte: elaborado pelos autores (2023).